A DELICADEZA COMO ESTRATÉGIA DO SENSÍVEL: ESTÉTICA, COMUNICAÇÃO E O OLHAR ARTÍSTICO SOBRE A PAISAGEM EXPERIENCIADA[1]

DELICACY AS A STRATEGY OF SENSIBILITY: AESTHETICS, COMMUNICATION AND THE ARTISTIC GAZE ON THE EXPERIENCED LANDSCAPE

Luana Santos Oliveira[2]

Resumo: *Este artigo investiga a delicadeza como categoria estética e política. Em diálogo com A delicadeza: estética, experiência e paisagens, de Denilson Lopes, compreende-a não como fragilidade, mas como ética do olhar baseada na atenção ao mínimo, na valorização do cotidiano e na recusa do excesso e do espetáculo da sociedade midiática. A perspectiva é articulada à estética da comunicação, entendendo a comunicação como experiência sensível compartilhada e espaço de produção de afeto, memória e vínculo. Analisa-se a prática artística da autora, cuja obra constitui uma cartografia afetiva do território vivido, na qual a ilustração atua como gesto poético de intervenção no cotidiano. Em abordagem ensaísta qualitativa, o texto articula reflexão teórica e análise estética para investigar como a delicadeza se manifesta nas experiências da paisagem e do cotidiano, configurando uma política do sensível que reorganiza modos de ver, sentir e habitar, produzindo resistências sutis.*

Palavras-Chave: *Poética do cotidiano. Experiência artística. Estética da comunicação.*

Abstract*:* This article investigates delicacy as an aesthetic and political category. In dialogue with A delicadeza: estética, experiência e paisagens, by Denilson Lopes, it understands delicacy not as fragility, but as an ethics of looking grounded in attention to the minimal, in the valuing of everyday life, and in the refusal of excess and spectacle typical of media society. This perspective is articulated with the aesthetics of communication, conceiving communication as a shared sensory experience and as a space for the production of affect, memory, and bonds. The article analyzes the author's artistic practice, whose work constitutes an affective cartography of the lived territory, in which illustration operates as a poetic gesture of intervention in everyday space. Adopting a qualitative essayistic approach, the text combines theoretical reflection and aesthetic analysis to examine how delicacy manifests in sensory experiences of landscape and daily life, configuring a politics of the sensible that reorganizes ways of seeing, feeling, and inhabiting, producing subtle forms of resistance.

Keywords: *Poetics of everyday life. Artistic experience. Aesthetics of communication.*

[1] Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Comunicação e Experiência Estética. 35º Encontro Anual da Compós, Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Natal - RN. 9 a 12 de junho de 2026.

[2] Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, mestranda, oliveirasluana@hotmail.com

1. Introdução

Venho desenvolvendo uma prática artística voltada a observação do cotidiano, de memórias vividas, afetivas e inventadas que acontecem dentro desse lugar do repetir dos dias. Minha investigação se estende ao banal do espaço público da cidade onde vivo, das ruas, a fim de ali desenvolver processos criativos. Esse espaço do banal, das dinâmicas da rua sempre foi um espaço de criação interessante desde que me propus a observar a paisagem, o território onde me encontro. Trata-se de um espaço de muitos estímulos e elementos passíveis de construir narrativas.

O ponto de partida para este artigo encontra-se na detecção de um ponto comum em minhas obras artísticas e a leitura do livro *A delicadeza: estética, experiência e paisagens* do Denilson Lopes, que é justamente a esfera do banal. A proposta é discutir, partindo de suas reflexões, modos de enxergar o entorno, o cotidiano, sob a lente da delicadeza. Bem como entender a cidade, a paisagem como matéria poética que produz narrativas capazes de comunicar a dinâmica própria de seus espaços. Como afirma o autor, "pensar uma poética do cotidiano, centrada na sutileza e na delicadeza, é propor uma outra forma de encenar a realidade…".

Penso que a cidade convida ao deslocamento, ainda mais quando se trata de um território pequeno, onde a fluidez da descoberta das ruas e seus desdobramentos dependem apenas do exercício de caminhar. Tal exercício nos tira da acomodação cotidiana e nos coloca atentos aos arredores, disponíveis a uma ou outra delicadeza do caminho. Rose de Melo Rocha, sobre a possibilidade de surpreender-se ao estar atentos ao fluxo da cidade, lidar com o imprevisível das ruas, das pessoas e de nós mesmos, comenta:

> *A metrópole produz imaginários. Alimenta-se de produções imaginárias. Propicia e condiciona a produção de representações. E em função delas se reformata, material e simbolicamente. Uma retroalimentação. A cidade é matéria para a produção de representações. As imagens da cidade — imaginadas ou externalizadas — retornam ao urbano e novamente o transformam. As cidades sonham suas imagens e nelas são sonhadas. (ROCHA, 2007, p. 165).*

Nosso percurso neste lugar de experiências, memórias, banalidades, se atento a variedade de significações, torna-se terreno fértil à produção de imaginários. E eu, enquanto artista visual, me valho desse espaço para produzir ilustrações que narram a cidade, suas delicadezas, vazios e banalidades. Narro a paisagem urbana, não como cenário fixo, mas como experiência estética e afetiva, encontro sensível com o cotidiano.

Quando Denilson Lopes fala de delicadezas, fala de pequenos gestos humanos, de um olhar delicado sobre o mundo que vai além da grandiloquência. Propõe experiências perceptivas que incluem o banal, o íntimo e o cotidiano. Uma atenção ao trivial como gesto crítico frente ao excesso, ao espetáculo da mídia e da cultura visual dominante. Essa sensibilidade e percepção estética como vivência são diretrizes do meu processo criativo que apresentarei a seguir. Assim como em Denilson Lopes, me interessa pensar em uma obra que promova vivência, afetividade e experiências morosas de olhar. Segundo ele, "O sublime no banal estabelece mais um jogo de tensões entre a contemplação e o olhar distraído, a rapidez e a lentidão e prefere apostar mais na sutileza, na leveza…".

O autor acredita "numa linhagem do sublime, em tom menor, no cotidiano, em personagens comuns" presentes nas crônicas de Rubem Braga e na poesia de Manuel Bandeira, como nos explica na passagem a seguir:

> *A "poesia menor" de Bandeira pode ser atualizada como uma "poética da despreocupação"(...) Essa poética da despreocupação, longe de uma postura de isolamento do mundo como numa torre de marfim esteticista, afirma um distanciamento para uma melhor compreensão, uma opção pela experiência mínima, cotidiana, não-gloriosa de cada dia, um desejo de dissolução no universo, de desaparecer discretamente (...) Trata-se da possibilidade de uma experiência de beleza que emerge de um cotidiano povoado de clichês, implica repensar o banal. (LOPES, 2007, p.42).*

Deste modo, o seguinte artigo busca discutir a estética da delicadeza como experiência sensível capaz de produzir visualidades partindo das paisagens do cotidiano. Levando também em consideração características equivalentes propostas na obra da artista-pesquisadora e autora deste texto. Tal busca baseia-se em duas necessidades: sendo a primeira a da artista de investigar práticas estéticas que operam em outro modo: menos orientadas pelo excesso, pensada exclusivamente como atributo da obra de arte, mais comprometidas com a atenção, o afeto e a experiência cotidiana. E a segunda, a da pesquisadora que encontrou na noção de

delicadeza elaborada por Denilson Lopes em A delicadeza: estética, experiência e paisagens, uma perspectiva teórica potente para pensar a relação entre estética, comunicação e política do sensível.

2. Paisagem e experiência do espaço

Em *Ver o invisível*, Nelson Brissac Peixoto pensando a dinâmica de tensão entre o público e o privado, a rua e a casa, afirma para além disso, interessasse em "compreender o cotidiano não só como espaço de sociabilidade, mas como paisagem.". Compreende-se aqui pensar a paisagem não apenas como representação, mas como experiência vivida. Em outro trecho, nos conta:

> *Um esforço para dar conta do aspecto sensível das coisas, de tudo aquilo que não é dizível. Sair na perseguição daquilo que escapa à expressão, da infinita variedade das coisas mais humildes e contingentes. Um aproximar-se das coisas com discrição e cautela, respeitando o que as coisas comunicam sem o recurso das palavras. Desenvolver o poder de evocar imagens in absentia. Imagens de tudo aquilo que não é, mas poderia ter sido. Imagens que não constem do repertório disponível, cada vez mais confundido com nossa experiência direta. (PEIXOTO, 1997, p. 315).*

A experiência sensível das coisas com as quais nos deparamos no exercício atento de percorrer as ruas, é o que norteia a paisagem. Compõe o mapa que direciona o olhar de quem acessa as paisagens posteriores aos primeiros movimentos do flâneur.[3]

Suely Rolnik em *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*, fala de uma formação de territórios, uma cartografia que vai se fazendo ao mesmo tempo que certos afetos são revisitados ou visitados pela primeira vez, um território vai se formando para

[3] A figura do *flâneur*, imortalizado na literatura por Baudelaire e transformado em sujeito representativo da modernidade nos estudos de Walter Benjamin. Para o filósofo alemão, o *flâneur* se constituía como um transeunte que caminhava a esmo pelas ruas, anônimo, porém à vontade na multidão, tomado pela embriaguez própria à deambulação descompromissada. Fonte: https://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0185-30822020000200131#:~:text=Para%20o%20fil%C3%B3sofo%20alem%C3%A3o%2C%20o,embriaguez%20pr%C3%B3pria%20%C3%A0%20deambula%C3%A7%C3%A3o%20descompromissada.

eles. Podemos pensar numa paisagem que se desloca de acordo as afetações de quem a observa. Como num mapa afetivo.

> *Para os geógrafos, a cartografia- diferentemente do mapa: representação de um todo estático - é um desenho que acompanha e se faz ao mesmo tempo que os movimentos de transformação da paisagem. Paisagens psicossociais também são cartografáveis. A cartografia, nesse caso, acompanha e ao mesmo tempo que o desmanchamento de certos mundos - sua perda de sentido - e a formação de outros: mundos que se criam para expressar afetos contemporâneos, em relação aos quais os universos vigentes tornaram-se obsoletos. Sendo tarefa do cartógrafo dar língua para afetos que pedem passagem, dele se espera basicamente que esteja mergulhado nas intensidades de seu tempo e que, atento às linguagens que encontra, devore as que lhe parecerem elementos possíveis para a composição das cartografias que se fazem necessárias. O cartógrafo é, antes de tudo, um antropófago. (ROLNIK, 2011. p.23).*

A linguagem que aqui redireciona os movimentos cartográficos é a linguagem da delicadeza que se encontra no banal. A busca proposta por LOPES de uma experiência de beleza que surge do cotidiano, delineia uma cartografia flexível. Milton Santos (2006, p. 213) diz que "impõe-se a necessidade de, revisitando o lugar no mundo atual, encontrar os seus novos significados" e que "uma possibilidade nos é dada através da consideração do cotidiano". O cotidiano, para SANTOS, é um elemento interpretativo que permite analisar o mundo vivido. Ao considerar o cotidiano, podemos observar como os objetos, as ações e o tempo articulam novas paisagens. Assim como o cartógrafo apresentado em ROLNIK (2011). Portanto, o conceito de lugar defendido por SANTOS deve ser entendido não como uma simples localização ou paisagem visível, mas como espaço vivido. É no cotidiano que o lugar, a paisagem revela seus novos sentidos.

Dentro do espaço do cotidiano de uma cidade, e seus elementos constituintes de novas cartografias, encontro na leitura de Vera França a possibilidade de pensar o *acontecimento* como elemento que direciona a percepção do banal da paisagem. Para FRANÇA (2012, p. 14), "a experiência do narrador traduz-se na criação simbólica, na construção discursiva", aqui podemos pensar na delicadeza enquanto acontecimento que direciona o olhar artístico. Complementa dizendo que, "acontecimentos acontecem em nossa experiência e falam dessa experiência. Retrata quem somos, como vivemos". E se aproxima de Jorge Larrosa em *Tremores: escritos sobre experiências* quando diz que "Uma ocorrência que não nos afeta não se torna um acontecimento no domínio da nossa vida. É simples fato, do qual até podemos tomar conhecimento, mas pelo qual não somos tocados.".

> *(...) é importante destacar que o acontecimento é portador de uma diferença e de uma ruptura. Ele rompe o esperado, a normalidade; ele quebra uma sequência e, num primeiro momento, desorganiza o nosso presente. Ele penetra sem aviso prévio, e gera um impasse. O desdobramento se vê comprometido. O acontecimento gera uma interrogação. Em decorrência o acontecimento suscita sentidos, faz pensar, incita à busca de respostas e alternativas. Ele alarga o leque do possível – e descortina (ainda que por pequenas brechas) o horizonte do que não havia ainda sido pensado. Porém ainda falta alguma coisa, outro aspecto – que não é menor, e está imiscuído nisso tudo. Acontecimentos fazem falar; nós somos animais simbólicos, capazes o tempo todo de duplicar nossa realidade a partir de construções imagéticas e representacionais. Nós construímos narrativas em torno dos acontecimentos, o que faz com que eles, conforme a formulação de Quéré (2012, p. 30-ss.), adquiram uma nova vida, uma segunda vida. Transformados em narrativas, os acontecimentos passam a existir também como discurso, representação. A primeira vida, nos lembra o autor, é da ordem do existencial – trata-se do acontecimento que percebemos, que nos toca, que congestiona o nosso cérebro, dificulta nossa respiração, acelera o nosso coração. A segunda vida é o acontecimento tornado narrativa, tornado um objeto simbólico. (FRANÇA, 2012, p.14).*

3. A delicadeza como estética

Denilson Lopes apresenta a delicadeza não como fragilidade, mas como atenção ao mínimo, como valorização do cotidiano e recusa ao excesso, ao espetáculo. A percepção do banal como reveladora de sentidos, a experiência estética como modo de estar no mundo, não apenas como forma artística. Para o autor de *A delicadeza: estética, experiência e paisagens*, a estética é inseparável da experiência vivida.

Trata-se de uma postura sensível que recusa as lógicas do espetáculo e da hipervisibilidade predominantes na cultura midiática, para afirmar modos de estar no mundo baseados na atenção, na lentidão e na escuta. Nesse sentido, a estética deixa de ser uma campo separado da vida para se constituir como experiência vivida. A delicadeza, portanto, opera como um modo de percepção e como ferramenta de relação com o mundo, em que o sensível se torna espaço de produção de sentido e de vínculo. Essa perspectiva amplia a estética para além do objeto artístico compreendendo-a como algo que se manifesta nos modos de circulação, compartilhamento e recepção das imagens e narrativas. A comunicação, nesse contexto, não se reduz à transmissão de informações, mas configura-se como espaço privilegiado de produção do sensível, onde se constroem micronarrativas, visualidades

ordinárias e poéticas do cotidiano que circulam por redes digitais, impressos, ilustrações e mídias híbridas.

> *Estaria mesmo todo sentimento de encantamento e fascínio diante do mundo, das pessoas, reduzido a mero olhar de consumidor, marcado por padrões publicitários, que encobrem a realidade? É necessário mesmo uma viagem de redescoberta, de reaprendizado, sem medo da beleza (...) Mas o que fazer quando nosso cotidiano se transformou em experiência multimidiática? Acelerar, ir mais rápido, ser mais veloz, aderir ao simulacro ou estabelecer pausas, silêncios, recolhimento? Opto agora pelo sublime (...) Sem me alongar, parto de uma primeira e precária definição do sublime. O sublime seria a experiência entre horror e prazer, experiência de fascínio diante de uma paisagem, uma pessoa ou uma obra-de-arte. (LOPES, 2007, p. 38-39).*

O autor fala de uma associação do sublime com a infinitude, com coisas magníficas, mas que há uma "tradição, bastante fecunda na modernidade, ao associar o sublime com o extremamente pequeno". Para ele, "é justamente no cotidiano, no detalhe, no incidente, no menor, que residirá o espaço da resistência, da diferença". Na delicadeza de gestos. Como exemplifica no trecho a seguir:

> *Como no caso da velha senhora que atravessa vários filmes de Kieslowski em direção a um cesto de lixo para colocar uma garrafa e finalmente consegue auxílio em A fraternidade é vermelha. Ao contrário da mera pose, o gesto, que "nada mais é que o ato considerado na totalidade de seu desenrolar, percebido enquanto tal, observado, captado" (GALARD, 1997, p. 27), é uma "constante nos filmes de Kieslowski, que revela o inexprimível, o indecidível" E esse gesto gratuito vale mais a pena ser dito do que o registro das grandes transformações sociais. (LOPES, 2007,p.55).*

Podemos também entender a possibilidade do gesto em Vilém Flusser. No artigo *O pesquisador contemporâneo de Vilém Flusser: contra o logocentrismo na Comunicação*, os autores apresentam a concepção de Flusser sobre a Teoria da comunicação, que esta seria parte de uma proposta mais ampla, a Teoria geral dos gestos, na qual comunicar é apenas um dos aspectos do gesto humano. O texto destaca que os gestos resultam da interação entre forças externas, como os aparatos técnicos, e a ação humana. Ao responder a essas forças, o indivíduo projeta gestos no mundo com a intenção de afetar o outro, reforçando a ideia de que comunicar é um ato intencional e relacional. "Entendemos que Flusser propõe o gesto como o grande diferencial da comunicação caracteristicamente humana" (CAVALCANTI, A., & FIGUEIREDO, R., 2023, p. 324).

O gesto de ir à rua, observar, rabiscar traços que enunciam uma paisagem, são desse modo métodos de captura que intentam comunicar algo. Uma política do sensível, onde o que se observa e percebe organiza formas de estar no mundo.

4. O olhar artístico como intervenção

É no desenho que encontro as ferramentas necessárias para criar/recriar paisagens. No movimento diário de caminhar pela cidade, encontro provocações artísticas em diálogos aleatórios de pessoas nas ruas, em coisas inusitadas em um ou outro cenário, na relação dos moradores com o espaço. Não cessam as possibilidades de objetos disparadores de imaginação. Cecília Salles, sobre essa multiplicidade de elementos possíveis de instigar imagens, diz:

> *Essas imagens que agem sobre a sensibilidade do artista são provocadas por algum elemento primordial. Uma inscrição no muro, imagens de infância, um grito, conceitos científicos, sonhos, um ritmo, experiências da vida cotidiana: qualquer coisa pode agir como essa gota de luz. O fato que provoca o artista é da maior multiplicidade de naturezas que se possa imaginar. O artista é um receptáculo de emoções. (SALLES, 2011,p. 61)*

As ilustrações de paisagens da cidade surgem também de um imaginário, de uma memória inventada com base em objetos aleatórios que encontro nessas caminhadas. De certo que essas tais memórias inventadas surgem também de outras memórias. É uma teia de afetos que constituem essas memórias e na qual me envolvo para criar. O desenho imprime vestígios de um tempo e espaço. Ao que Katia Canton observa:

> *Nas artes, a evocação das memórias pessoais implica a construção de um lugar de resiliência, de demarcações de individualidade [...] é também o território de recriação e de reordenamento da existência – um testemunho de riquezas afetivas que o artista oferece ou insinua ao espectador, com a cumplicidade e a intimidade de quem abre um diário.(CANTON, 2009, p.21)*

FIGURA 1 - Do exercício diário de reparar paisagem.
FONTE - Acervo pessoal da artista, Anacoruja[4], 2020.

Dessa forma, meu processo de criação tem início nessas visitas aos arredores da cidade. Saio à procura de vestígios da movimentação de outros transeuntes, de delicadezas em coisas esquecidas. “Uma inteireza focada nas pequenas coisas.” (CANTON, 2009, p.35). O cotidiano, longe de ser entendido como banal ou desprovido de potência estética, emerge aqui como campo estratégico de disputa simbólica. Esse cotidiano transformado em representação visual amplia a partilha do sensível, criando comunicação afetiva e experiência compartilhada de reconhecimento. A arte, nesse sentido, atua como prática que reorganiza o visível pela

[4] Nome artístico com o qual assino minhas obras.

reconfiguração dos modos de ver e sentir o mundo. Essa reorganização, ainda que sútil, possui implicações políticas, na medida em que altera a forma como os sujeitos se relacionam com o espaço, o tempo e o outro.

É nesse panorama que se insere minha prática artística. Centrada na ilustração do território onde vivo, como uma cartografia afetiva que transforma a paisagem experenciada em paisagem sensível. Viver a cidade nesse sentido, num exercício constante de captura daquilo que me cerca, de possíveis delicadezas nas paisagens, em cenas de um cotidiano, me proporciona inúmeras possibilidades de criação. Ao que Cecília Salles (2006, p.12) chama de "uma memória criadora em ação (…), mas não como um local de armazenamento de informações, mas um processo dinâmico que se modifica com o tempo.". A experiência cotidiana a qual me proponho se constrói a partir dessa observação atenta do entorno, da valorização do detalhe, da memória, do corpo e dos afetos que atravessam a vida comum. As ilustrações não se limitam a representar o território, mas o habitam e o recriam, produzindo uma poética que emerge da proximidade com o lugar e com as experiências que nele se desenrolam. LOPES (2007, p.40), diz que "é justamente no cotidiano, no detalhe, no incidente, no menor, que residirá o espaço da resistência, da diferença.".

FIGURA 2 - Poesia de rio.
FONTE - Acervo pessoal da artista, Anacoruja, 2020.

Denilson Lopes, refletindo o sublime no banal, afirma que "Trata-se da possibilidade de uma experiência de beleza que emerge de um cotidiano povoado de clichês, implica repensar o banal.". Capturar a delicadeza. Mas como dar forma ao que não tem forma? Fernando Augusto Santos Neto, em *Desenho 2, desenho experiência*, sobre o desafio de desenhar o que não tem forma, traz o seguinte questionamento:

> *Se desenhar um objeto é transformar tal objeto em desenho, o que dizer de desenhar algo que não tem forma palpável ou que não vemos claramente senão seus efeitos na natureza, por exemplo, o vento, a luz, ou situações ou sentimentos como o silêncio, a solidão, a dor, a saudade? (SANTOS NETO, 2019, p.71)*

E constata que "o sentimento não tem forma e que, em busca dessa "não forma", trabalha-se com toda forma e com todo disforme.". Na busca dessa *não forma* é que, às vezes, se sustenta a criação das paisagem envolta em delicadezas.

FIGURA 3 - Coisas possíveis de poesia.
FONTE - Acervo pessoal da artista, Anacoruja, 2019.

Ao ilustrar cenas, personagens e atmosferas do cotidiano local , opero uma estética da delicadeza que se manifesta tanto nos gestos gráficos quanto nas escolhas cromáticas e narrativas. Como na Teoria geral dos gestos em Flusser (CAVALCANTI, A., & FIGUEIREDO, R., 2023, p.324), “gestos são movimentos do corpo que expressam uma intenção”, convido o observador a desacelerar o olhar, a reconhecer a beleza do mínimo e a se implicar afetivamente com o espaço representado. Mediadas pelos meios de comunicação, redes sociais, essas imagens circulam e se compartilham, ampliando minha experiência individual para uma dimensão coletiva, em que o sensível se torna linguagem comum.

Nesse processo, o afetivo e o corporal assumem centralidade como dimensões da comunicação estética. O corpo, tanto da artista quanto do observador, atua como mediador do olhar e da criação, reforçando a ideia de que sentir é também uma forma de conhecer e de se posicionar no mundo. A delicadeza, enquanto linguagem, não impõe sentidos, mas abre espaços de encontro, convidando à partilha do sentir. Os espaços da cidade e meu próprio corpo enquanto mídia.

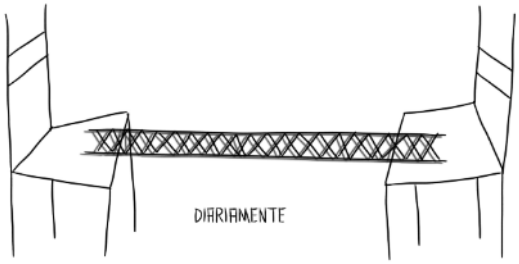

FIGURA 4 - E tem a ponte que diariamente me atravessa.
FONTE - Acervo pessoal da artista, Anacoruja, 2019.

Para Vilém Flusser, citado por CAVALCANTI, A., & FIGUEIREDO, R. (2023, p.329), a realidade que o pesquisador percebe não está totalmente pronta antes da pesquisa, ela vai sendo construída à medida que o pesquisador se aproxima do ambiente que está estudando. “Essa realidade é estabelecida como uma intensidade de interesse de onde a pesquisa como estrutura se ergue espontaneamente.”. Desse modo, aquilo que mais me chama atenção se torna

meu foco. Buscar os aspectos que constroem esse espaço urbano onde me encontro, a intensidade desse interesse, é o método com que desenvolvo minha poética e onde minha pesquisa se organiza. Não numa realidade fixa, mas seguindo caminhos imprevisíveis.

Maria Cristina Diederichsen Palíndromo, em *Pesquisa baseada em arte: criações poéticas desdobrando mundos* (2019, p.68) diz que "Os olhos artísticos criam outras paisagens". Não aceita a realidade de forma passiva, ele recria o que já existe, produzindo novas "paisagens" simbólicas.

> *Há vivências que só podem ser experienciadas, sentidas e compartilhadas pelo gesto poético. O gesto poético é de uma outra ordem que o ordinário e o científico, ele sustenta uma qualidade de vivência que intensifica nossa existência, atualizando nosso potencial enquanto criadores de realidades, de mundos, de sentidos. Instaura uma outra qualidade de tempo – Aion – uma outra qualidade de atenção, mais ple- na, sensível e presente, permeada pela força do caos e da vida. Estas potências do ato artístico podem ser trazidas para a Pesquisa. (PALÍNDROMO, 2019, p. 69).*

Enquanto artista-pesquisadora, encontro-me no ambiente que me interessa, artisticamente e teoricamente. Transitar pela cidade buscando provocações criativas, munida dos interesses dos meus processos artísticos juntamente com as teorias dos estudos em comunicação, imprimem uma potência em ambas as competências, a artística e a pesquisadora.

5. Considerações finais

A leitura de *A delicadeza: estética, experiência e paisagens*, do Denilson Lopes, nos instiga a pensar a delicadeza como ferramenta capaz de provocar uma atualização das possibilidades da estética dentro da sociedade midiática. Uma delicadeza que transforma pela persistência do gesto sensível. A aproximação entre minha prática artística e as reflexões de Denilson Lopes permitiu reconhecer o banal não como ausência de significado, mas como um campo potente de experiências estéticas, afetivas e políticas.

A delicadeza, tal como discutida por Lopes, opera como uma estética do sensível, que valoriza o ordinário, o quase invisível. Ao incorporar essa perspectiva ao meu processo

criativo, evidencio que também minhas narrativas visuais não se baseiam em grandiloquências, mas se identificam com experiências comuns. A articulação entre cidade, caminhada, atenção e produção de imaginários evidencia que o ato de percorrer o espaço urbano é também um gesto de criação. Ação que ativa a memória, a imaginação, conduz à construção de narrativas visuais. Assim, as ilustrações aqui apresentadas, não representam a cidade de forma fixa e totalizante, mas como experiência vivida, permeada por delicadezas que convidam a uma fruição mais lenta, contemplativa.

Ao deslocar o foco do extraordinário para o ordinário, do espetáculo para a experiência mínima, este estudo aponta para a potência política do sensível, na medida em que propõe modos alternativos de relação com a cidade e com o cotidiano. Propõe-se, assim, a delicadeza como categoria analítica capaz de iluminar práticas artísticas e comunicacionais que, em meio à saturação midiática, insistem em outros modos de ver, sentir e habitar o espaço urbano.

Encerro minhas considerações com um trecho tocante onde Denilson Lopes coloca a paisagem como um objeto de contemplação estética:

> *A paisagem é mais do que um estilo de pensar e escrever, é uma forma de viver à deriva, entre o banal e o sublime, a materialidade do cotidiano e a leveza do devaneio (HIRSCH, 1995, p. 3-4). Ao invés de pensar, caminhar; salvar-se no mundo das coisas e não apenas ser voyeur ou consumidor, deixando rastros, idéias para trás a cada novo momento, a cada encontro; renovar-se constantemente, mesmo que seja num modesto passeio, um deixar-se, uma dissolução, mesmo quando voltamos para casa. (LOPES, 2007, p. 136).*

Em gestos mínimos de delicadeza.

Referências:

CANTON, Katia. **Tempo e memória**. São Paulo: WMF Martins Fontes: 2009.

CAVALCANTI, A., & FIGUEIREDO, R. **O pesquisador contemporâneo de Vilém Flusser: contra o logocentrismo na Comunicação**. Revista Eco - Pós, 26 (3), 319 - 339, 2023.

PALÍNDROMO, Maria Cristina Diederichsen. **Pesquisa baseada em arte: criações poéticas desdobrando mundos**. v. 11, n. 25, p. 67-84, set - dez 2019.

FRANÇA, Vera. **O acontecimento e a mídia**. Galaxia (São Paulo, Online), n. 24, p. 10-21, dez. 2012.

LARROSA, Jorge. **Tremores: escritos sobre experiência**. Trad. : Cristina Antunes, João Wanderley Geraldi. 1. ed.; 1. reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

LOPES, Denilson. **A delicadeza: estética,experiência e paisagens**. Brasília: Editora Universidade de Brasília: Finatec, 2007.

PEIXOTO, Nelson Brissac. **Ver o invisível: a ética das imagens**. In: NOVAES, Adauto (Org.). Ética. 5. reimpr. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

ROCHA, Rose de Melo. **Sobre fluxos, cenários, desejos e mediações: a cidade, das margens às especialidades comunicacionais**. Revista Galáxia, São Paulo, n. 14, p. 163-166, dez. 2007.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. 2ª reimpressão. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2011.

SALLES, Cecília Almeida. **Redes da criação, construção da obra de arte**. 2ª ed. - São Paulo: Editora Horizonte, 2006.

SALLES, Cecília Almeida. **Gesto inacabado, processo de criação artística**. 5ª ed. - São Paulo, Intermeios, 2011.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. -4. ed. 2. reimpr. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006. - (Coleção Milton Santos; 1).

SANTOS NETO, Fernando Augusto dos. **Desenho 2, desenho experiência.** Vitória : Universidade Federal do Espírito Santo, Secretaria de Ensino a Distância, 2019.

SHANNON, C; WEAVER, W. **The mathematical theory of communication**. Urbana: University of Illinois Press, 1962.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. Petrópolis: Vozes, 1998.